



UFRJ



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

A SÍNCOPE DAS POSTÔNICAS MEDIAIS NA VARIEDADE URBANA DO PORTUGUÊS
DE MOÇAMBIQUE: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA

Laura Cunha Calzolari

Rio de Janeiro

2021

Laura Cunha Calzolari

A SÍNCOPE DAS POSTÔNICAS MEDIAIS NA VARIEDADE URBANA DO PORTUGUÊS
DE MOÇAMBIQUE: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Faculdade de Letras da Universidade Federal
do Rio de Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Letras na
habilitação Português / Inglês.

Orientadora: Prof.^a Dra. Danielle Kely Gomes

Rio de Janeiro

2021

Laura Cunha Calzolari
DRE: 116032414

A SÍNCOPE DAS POSTÔNICAS MEDIAIS NA VARIEDADE URBANA DO PORTUGUÊS
DE MOÇAMBIQUE: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Faculdade de Letras da Universidade Federal
do Rio de Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Letras na
habilitação Português / Inglês.

Data de avaliação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Danielle Kely Gomes – Presidente da Banca Examinadora
Departamento de Letras Vernáculas - UFRJ

NOTA: _____

Prof. Dr. Aline Ponciano dos Santos Silvestre – Leitor Crítico
Departamento de Letras Vernáculas - UFRJ

NOTA: _____

MÉDIA: _____

Assinatura dos avaliadores: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe pela força e pela voz. Pela defesa incondicional de quem sou. Pela sintonia e pelas palavras trocadas no olhar.

À minha avó, pelo café quentinho de todo dia. Pela certeza de que o colo vai estar do lado esquerdo do sofá, onde quer que estejamos.

Ao meu padrasto e ao meu tio, por tirarem o melhor de mim e me empurrarem sempre para frente. Por abrirem o caminho e pelas oportunidades de ver e conhecer o mundo.

Ao meu pai, por sempre acreditar nos meus sonhos. Pelo tempero familiar e pelas tortas de banana da madrugada.

Aos meus irmãos da esquina da Rua Larga, que há quase 13 anos são parte de mim. Pela certeza, até durante as incertezas.

Aos amigos que hoje se formam comigo, pelos anos de risadas, reclamações e doses de cachaça. Por me apresentarem a uma Laura que nem eu conhecia.

Ao Lucas, por ser um exímio leitor, dicionário de sinônimos e meu lugar. Sempre foi você.

À minha orientadora, Danielle Gomes, pela parceria e confiança. Pelo apoio e pela compreensão nos momentos mais difíceis, mas também pela esperança compartilhada de que dias melhores virão.

Ao Colégio Pedro II e à UFRJ, pelos 13 anos de educação pública. Pela oportunidade de ter ocupado esses espaços, por tudo que aprendi e por todos os encontros.

Às professoras e aos professores da educação básica, por se multiplicarem em tantos. Pela grande inspiração e pela felicidade e certeza de agora poder fazer o mesmo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
2 AS PROPAROXÍTONAS: UM PANORAMA	7
2.1 As proparoxítonas em números	7
2.2 O argumento da sistematicidade das proparoxítonas: novas concepções	9
3 A SÍNCOPE DA POSTÔNICA MEDIAL: REVISÃO DA LITERATURA	12
3.1 A variedade brasileira	12
3.2 A variedade europeia	15
3.3 A variedade são-tomense	16
4. A VARIEDADE MOÇAMBICANA	18
4.1 Localização	18
4.2 Processos sócio-históricos do Português em Moçambique	19
5 ASPECTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS	22
5.1 A Sociolinguística Variacionista	22
5.2 Metodologia	23
5.3 Análise do <i>corpus</i> e hipóteses	24
6 ANÁLISE DOS RESULTADOS	27
6.1 As variáveis linguísticas	28
6.2 As variáveis extralinguísticas	31
6.3 Uma nova análise	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	42
ANEXO A: CONTROLE LEXICAL	45

INTRODUÇÃO

O fenômeno da síncope – supressão de um segmento fônico no interior do vocábulo – se mostra consistente na Língua Portuguesa, podendo ser traçado desde o latim. Um dos contextos mais produtivos para ocorrência da síncope em Português é na sílaba postônica não final, a primeira sílaba postônica de um vocábulo proparoxítono. Nesse contexto, um processo bastante frequente é o apagamento da vogal medial e a conseqüente regularização do vocábulo ao padrão paroxítono, principalmente quando a ressilabificação é possível, produzindo um padrão silábico mais comum (abóbora > [a'bɔbrɐ]).

Neste trabalho, estuda-se o processo de redução das proparoxítonas ao padrão acentual paroxítono em um corpus representativo da variedade urbana do Português de Moçambique. A partir do arcabouço teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança de base laboviana, procura-se investigar em que medida o fenômeno do apagamento é produtivo e quais condicionamentos (linguísticos e sociais) o favorecem, levando em conta a acentuada diversidade linguística observada na variedade estudada.

Em relação a essa questão, destaca-se que a variedade moçambicana do Português é considerada uma variedade em processo de nativização (GONÇALVES, 2001; FIRMINO, 2010). Na capital, Maputo, e nas províncias fala-se o Português (língua oficial do país) e pelo menos uma língua Banto (PISSURNO, 2018), sendo a Língua Portuguesa a segunda língua de boa parte da população. Esse quadro vem apresentando mudanças nos últimos anos, já que os censos mais recentes apontam para um grande crescimento do Português enquanto língua materna, principalmente em áreas urbanas (INE, 2017).

É em meio a esse contexto que se configura o presente estudo. O trabalho está dividido em sete seções. Em (2), propõe-se uma reflexão acerca das palavras proparoxítonas e de seu status na Língua Portuguesa; em (3), apresentam-se os trabalhos que investigam o fenômeno da síncope, considerando outras variedades do Português; em (4), traça-se um panorama sócio-histórico acerca da variedade do Português em Moçambique; em (5), discutem-se os aspectos teórico-metodológicos utilizados nesta investigação, com base na Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968), descreve-se o *corpus* e postulam-se as hipóteses; em (6), analisam-se os resultados e, finalmente, apresentam-se as considerações finais, com o que se conclui deste trabalho.

2 AS PROPAROXÍTONAS: UM PANORAMA

A tradição gramatical (CUNHA E CINTRA, 2017; BECHARA, 2017; ROCHA LIMA, 2019) é consistente quando entende por proparoxítono o item cujo acento tônico recai na antepenúltima sílaba (palavras como *pênalti*, *árvore*, *médico*). Entretanto, quando passamos a considerar os estudos e pesquisas de cunho linguístico, nota-se que a natureza dos itens proparoxítonos é um tema controverso. Por um lado, alguns estudos argumentam que as proparoxítonas não são naturais e que são rejeitadas na língua, dada esta excepcionalidade (LEE, 1995). Por outro, Araujo *et al.* (2008) pontuam que essas palavras fazem parte do inventário linguístico de maneira sistemática e devem ser estudadas como tal.

Indo em contrapartida a tais noções tradicionais, como a de que as proparoxítonas se manteriam na língua por pressão da gramática normativa (SÂNDALO, 1999, *apud* ARAUJO *et al.* 2008, p. 71), Araujo *et al.* (2008) propõem um estudo que se debruça sobre a frequência, atuação e uso das palavras proparoxítonas. Com um *corpus* composto por 150.000 itens lexicais de padrões acentuais distintos (entre oxítonos, paroxítonos, proparoxítonos e monossílabos), a pesquisa consegue, além de confirmar algumas das concepções já conhecidas, como o número reduzido de palavras proparoxítonas, repensar alguns preceitos que já eram tidos como predominantes na literatura que versa sobre esse acento.

Levando isso em conta, e a fim de ampliar a discussão acerca da excepcionalidade das proparoxítonas, as duas subseções que se seguem pretendem, respectivamente a) apresentar dados que ajudem na compreensão do lugar ocupado pelas proparoxítonas e b) explicitar e reforçar perspectivas que desmitifiquem a concepção que tende a pairar sobre os itens proparoxítonos.

2.1 As proparoxítonas em números

As paroxítonas constituem o padrão acentual mais comum na Língua Portuguesa, conforme comprovado de maneira exaustiva em estudos de diferentes áreas. Ainda de maneira consensual, sabe-se que as oxítonas são o segundo acento mais numeroso, seguidas das proparoxítonas e das monossílabas. Discute-se a aplicação do termo “preproparoxítona”, acento comum em outras línguas, para explicar alguns casos de epêntese. Um exemplo é a palavra [eli'kɔpiteru] <helicóptero>, em que a inserção da vogal [i] faz com que a sílaba tônica se desloque à posição

anterior à antepenúltima. Itens como esse são convencionalmente atribuídos ao grupo dos proparoxítonos.

No levantamento realizado por Araujo *et al.* (2008), os resultados encontrados não divergiram desses, que já são amplamente aceitos e divulgados. Das 150.875 palavras analisadas, oriundas do Dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2001 apud ARAUJO *et al.* 2008, p. 69), 62,5% foram classificadas como paroxítonas, 24,9% como oxítonas, 12,2% como proparoxítonas e 0,4% como monossílabas. Portanto, com exceção das monossílabas, que tem uma classificação disputável, o estudo demonstrou que as proparoxítonas de fato representam o parâmetro acentual menos produtivo no Português brasileiro.

Amaral (2002), com base na primeira edição do Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1975 apud AMARAL, 2002, p. 99), aponta que 7% dos verbetes são proparoxítonos. Isso levou a autora a pontuar que “das classes acentuais da Língua Portuguesa, as proparoxítonas constituem a menor e a mais especial” (p. 99) e que “em certos dialetos, tendem a se igualar às paroxítonas” (p. 99), se referindo à neutralização dessas palavras em prol das paroxítonas após processos de apagamento.

Entretanto, segundo Araujo *et al.* (2008), “cerca de dois terços das palavras proparoxítonas não formam clusters válidos quando é feito o apagamento mecânico da vogal da sílaba pós-tônica.” (p. 79). Isso revela que o apagamento se mostra produtivo, mas não hegemônico – descoberta feita pela associação entre o olhar estatístico e uma análise qualitativa. Também é importante levar em conta que esses são apenas os encontros silábicos válidos, não sendo pressuposto que o apagamento acontecerá em todos esses casos, mesmo quando é favorecido pelo contexto.

Ainda em relação ao apagamento, mas dessa vez focalizando a qualidade da vogal postônica não-final, Araujo *et al.* (2008) analisam a frequência da presença das cinco vogais que aparecem na posição medial. Os autores também investigam, dentro da porcentagem geral de cada vogal, qual seria a possibilidade real de apagamento de cada uma. Ambos os resultados estão explicitados no quadro abaixo.

Quadro 1 - As vogais postônicas não-finais (ARAUJO *et al.*, 2008, p. 87, com adaptações)

Vogal postônica não-final	% total	% passível de apagamento
/i/	65,3%	28%
/a/	10,9%	49%
/o/	10,5%	38%
/e/	9,7%	70%
/u/	3,6%	81%

Considerando os dados apresentados no quadro, é possível notar que a vogal postônica não-final mais comum, o /i/, é também a menos suscetível ao apagamento, com 28% de possibilidade de formar um encontro válido depois da síncope. Já no caso do /u/, vogal que menos aparece na posição medial, temos o processo inverso, podendo ser apagado em 81% dos contextos silábicos.

Em relação à frequência de uso, Gomes (2018) afirma que as palavras proparoxítonas costumam remeter a “termos técnicos e pouco usuais” (p. 214) sendo os vocábulos pertencentes ao vocabulário ativo dos falantes os menos frequentes entre essas palavras. Essa afirmação confirma as observações de Araujo *et al.* (2008), que mostram que, no *corpus* de 18.413 palavras proparoxítonas, 47,5% são consideradas raras, pouco utilizadas. Ao mesmo tempo, 24,8% são classificadas como incomuns, 16,4% como comuns e 11,4% como frequentes. Isso se diferencia das não-proparoxítonas na medida em que, para essas, há uma proporção de aproximadamente 25% para cada categoria.

Por último, destacam-se os casos de epêntese que deslocam o acento tônico das paroxítonas, transformando-as em proparoxítonas. Da mesma maneira que a epêntese pode apontar para a necessidade de uma nova classificação, como foi discutido no caso das preproparoxítonas, o fenômeno também pode justificar a alteração no padrão silábico de algumas palavras convencionalmente classificadas como paroxítonas. É o caso de [ˈhitimʊ] <ritmo> e de [aʃˈpekitu] <aspecto>, comumente produzidas como proparoxítonas. Esse processo foi observado em 895 dos dados de Araujo *et al.*

2.2 O argumento da sistematicidade das proparoxítonas: novas concepções

Com a delimitação do que se entende, neste trabalho, por proparoxítonas, desenvolveremos em maiores detalhes os argumentos que postulam serem as proparoxítonas sistemáticas, naturais e parte do inventário linguístico dos falantes de Português.

Para tanto, começaremos por explicitar os argumentos apresentados por Araujo *et al.* (2008) como evidências geralmente arroladas para a defesa da tese de que as proparoxítonas constituem um padrão acentual não natural em Português:

- a) a baixa frequência absoluta desse acento, quando comparado aos outros padrões acentuais;
- b) a introdução tardia das proparoxítonas na Língua Portuguesa;

c) a síncope da vogal na sílaba postônica como sintoma da neutralização, em favor das paroxítonas.

O primeiro argumento já foi extensivamente discutido na subseção anterior: as proparoxítonas estão, de fato, em menor número. Isso não significa, entretanto, que não devam ser estudadas, que não são sistemáticas ou que estão fadadas a serem excluídas do sistema linguístico dos falantes. Se entendermos que isso é uma característica e passarmos a argumentar nesses termos, então mais pesquisas poderão surgir e se debruçar sobre os motivos para essas palavras serem menos numerosas. Ao mesmo tempo, se o discurso de que as proparoxítonas não são naturais continuar sendo o mais difundido, então a chance de pesquisadores estudarem e buscarem entender esse acento é menor.

O segundo argumento diz respeito à introdução tardia das proparoxítonas na Língua Portuguesa. Araujo *et al.* (2008) analisaram o ano de entrada dos verbetes de dicionário com os quais trabalharam e descobriram que a primeira proparoxítona foi documentada em 1843, enquanto as não-proparoxítonas teriam começado a entrar em uso no papel em 1737. Apesar disso, os autores observam que a entrada de novas palavras – de todos os acentos – se manteve regular e crescente, com os mesmos picos, destacando-se os séculos XIX e XX.

É também verdade que as proparoxítonas datam do latim, assim como o fenômeno da síncope. E é justamente por conta dos processos de apagamento que “o grupo de proparoxítonos tornou-se reduzido na passagem do latim vulgar ao português” (COUTINHO, 1970, *apud* CHAVES, 2011, p. 11). Amaral (2002) também afirma que no Português Arcaico (entre os séculos XII e XVI), as proparoxítonas eram raras, mas não inexistentes. Essa visão diacrônica ajuda a explicar a quantidade reduzida de palavras proparoxítonas presentes no Português, além de atestar a persistência do acento no inventário dos falantes há um tempo considerável.

Em relação ao terceiro argumento, de que os processos de síncope justificariam a não-naturalidade das proparoxítonas, embora a próxima seção seja inteiramente dedicada a estudos do apagamento das vogais em contexto postônico, algumas considerações preliminares se mostram relevantes.

Primeiro, é importante pontuar que a síncope não acontece de maneira aleatória, e que há fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam a produtividade desse fenômeno. Dessa maneira, não é possível afirmar que todas as proparoxítonas tendem a se regularizar em paroxítonas, e sim que há contextos fonético-fonológicos, condicionamentos linguísticos e

restrições sociais que interferem na produção desses itens. Por isso, entendemos o apagamento como um fenômeno variável.

Por se tratar de um processo variável, sabemos que haverá casos em que o fenômeno ocorrerá e casos nos quais ele não será produtivo, já que alguns contextos não o favorecerão. É o caso da consoante /l/, que em vocábulos como “católico”, não permite o apagamento da vogal subsequente (ARAUJO *et al.*, 2008). Os autores apresentam diversos outros casos nos quais a manutenção da proparoxítona é favorecida, principalmente quando não há a possibilidade de ressilabificação, o que mais do que prova que estamos tratando de um fenômeno variável.

É interessante destacar que algumas das impossibilidades silábicas apresentadas por Araujo *et al.* (2008) se mostram improdutivas no PB, mas não em outras variedades, como a portuguesa ou a moçambicana. Por exemplo, há uma restrição silábica no PB que faz com que os autores afirmem que o apagamento não é possível caso as consoantes /p t k b d g f v/ estejam sendo produzidas nas posições de coda na sílaba tônica e início da sílaba final (em vocábulos como rápido ou médico), mas encontramos dados desse tipo na variedade moçambicana (como [‘εpkε] <época>). Novamente, essas questões indicam que estamos, de fato, diante de um fenômeno variável.

Araujo *et al.* (2008) pontuam, entretanto, que os trabalhos anteriores, que utilizaram a síncope como argumento para a rejeição das proparoxítonas no PB, não estudaram os casos - que são maioria - nos quais a manutenção da vogal é favorecida e que a ressilabificação não é permitida. Dessa maneira, por mais que as proparoxítonas sejam consideradas excepcionais e tenham, de fato, características que as rotulem como tal, não devem ser desqualificadas enquanto parte do sistema acentual do Português. Pelo contrário, devem ser alvo de estudos, análises e pesquisas, tal como os outros padrões acentuais.

3 A SÍNCOPE DA POSTÔNICA MEDIAL: REVISÃO DA LITERATURA

A sílaba postônica não final, particular das proparoxítonas, é fortemente sujeita a atuação de regras fonológicas. Neste trabalho, estuda-se uma delas: o apagamento da vogal medial. Entretanto, antes de apresentarmos outros estudos que exploram a redução das proparoxítonas, mostra-se oportuno explicitar do que trata este fenômeno.

Quando falamos em “redução”, estamos falando do processo que regulariza as proparoxítonas em paroxítonas por meio da supressão vocálica. Entre os fenômenos que podem operacionalizar essa redução encontra-se a síncope, que diz respeito ao apagamento de um segmento interno da palavra. Dubois (1978), em relação ao fenômeno, destaca que “as vogais e sílabas átonas estão particularmente sujeitas a isso” (p. 552). Neste trabalho, explora-se justamente o apagamento das vogais em posição postônica - e, portanto, átona.

Apresentado o fenômeno do qual se trata o trabalho, prossegue-se com a revisão da literatura, que busca reunir os principais resultados acerca da redução nas proparoxítonas. A seção divide-se em três subseções: a que trata dos trabalhos que exploram o Português brasileiro (PB), a que foca nos estudos sobre o Português europeu (PE) e a que apresenta os resultados acerca do Português em São-Tomé (PST).

3.1 A variedade brasileira

Em relação ao Português brasileiro (PB), uma quantidade substancial de trabalhos (AMARAL, 2002; LIMA, 2008; FRANÇA, 2009; CHAVES, 2011; ARAUJO E LOPES, 2014; GOMES, 2015; MOTA, 2019) vem demonstrando a persistência da síncope da postônica medial e dos condicionamentos que a favorecem.

Com o objetivo de centralizar os dados que foram estudados para a elaboração deste trabalho, formulou-se o quadro abaixo, baseado no elaborado por Brescancini (2014). O **Quadro 2** apresenta os autores, localidade investigada e taxa geral de apagamento encontrada para cada análise revisada. Os resultados são discutidos em seguida, principalmente em relação às variáveis selecionadas.

Quadro 2 – Um panorama dos trabalhos acerca da síncope em PB
(Brescancini, 2014, com adaptações)

Autores	Localidade	Taxa de apagamento (%)
Amaral (2002)	São José do Norte (RS)	23%
Lima (2008)	Sudeste Goiano	26,6%
França (2009)	Jaru (RO)	50,25%
Chaves (2011)	Região Sul	8%
Araújo e Lopes (2014)	Pará	12,4%
Gomes (2015)	Rio de Janeiro	≈13%
Mota (2019)	Alagoas	39,6%

Amaral (2002) analisou dados do município de São José do Norte, Rio Grande do Sul. Em relação às variáveis linguísticas, a autora pontuou que as vogais labiais favoreceram o apagamento, assim como a presença da consoante líquida vibrante no contexto fonológico seguinte. Além disso, no contexto precedente, favoreceu a regra a presença da consoante velar. Já em relação às variáveis sociais, a autora realizou duas rodadas de análise, reorganizando os dados na segunda rodada. Na primeira, destacou-se a baixa escolaridade como maior propiciadora da regra, seguida dos homens e dos falantes mais velhos. Na segunda rodada, a faixa etária mostrou-se mais relevante que o sexo, com um alto percentual de apagamento pelos mais velhos, mas com um “um leve recrescimento entre os mais jovens, o que sugere variação estável” (AMARAL, 2002, p. 123)

Lima (2008), em um estudo com pressupostos da Teoria da Variação e da Fonologia Métrica, destaca que para uma vogal postônica sofrer o apagamento, ela precisa obedecer aos padrões silábicos e aos princípios do PB. Em relação às variáveis selecionadas, destaca que as vogais labiais também foram as mais propensas a serem apagadas. No âmbito extralinguístico, as variáveis sexo, grau de escolaridade e região geográfica foram selecionadas e revelaram que os homens de menor escolaridade e moradores da zona rural foram os que mais favoreceram a regra.

França (2009), também tendo como base a Sociolinguística Varicionista e a Fonologia Métrica, encontrou resultados diferentes em relação às variáveis sociais. Nos dados de Jaru, Rondônia, a variável faixa etária foi a que se mostrou mais relevante, sendo os mais velhos responsáveis por favorecer a regra. Além dessa, outras três variáveis extralinguísticas foram selecionadas: o tipo de entrevista, sendo a espontânea o ambiente mais propício para ao apagamento, a escolaridade (menos escolarizados) e o sexo (homens).

O estudo conduzido por Chaves (2011) analisou a síncope e a apócope na fala de informantes de baixa escolaridade dos três estados da região Sul do Brasil. A autora categorizou os casos de síncope em três grupos: a) quando a síncope afetou a vogal postônica não-final (69% dos casos), b) quando tanto a vogal quanto a consoante em posição de ataque da última sílaba foram apagadas (28% dos casos) e c) quando toda a sílaba postônica não-final foi suprimida (3% dos casos). Chaves (2011) também reforçou que o fenômeno da síncope da vogal postônica se trata de uma regra variável, um dos objetivos de seu trabalho.

Araújo e Lopes (2014) analisaram a redução com base nos dados do Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA). O *corpus* conta com informantes de dez cidades paraenses distintas, e, por isso, uma das variáveis sociais analisadas foi a localidade. Os resultados mostraram que os itens menos usuais favoreceram a aplicação da regra (variável frequência de uso), assim como os itens lexicais “árvore”, “fósforo” e “abóbora”. Além disso, a localidade também se mostrou relevante, com as áreas mais desenvolvidas com as menores frequências de apagamento. Os autores pontuaram que isso deve acontecer pois a forma sincopada é a menos prestigiada na língua e, portanto, evitada pelos falantes com maior acesso à educação.

Gomes (2015) analisou três conjuntos de dados diferentes cujos informantes variavam a respeito dos níveis de escolaridade, sexo e faixa etária. O resultado bruto de cada análise, entretanto, não se mostrou tão distinto. A taxa de apagamento encontrada na análise dos dados oriundos do projeto NURC-RJ (Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro), com entrevistados de nível superior completo, foi de 11%. Nos dados do projeto PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), com informantes distribuídos em três níveis de escolaridade (1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental e Ensino Médio), foram encontrados 14% de apagamento. Por último, analisando o projeto APERJ, que conta entrevistas realizadas com pescadores do Rio de Janeiro escolarizados até a quarta série do EF, encontrou-se uma taxa de 15% de apagamento. Os resultados, que apontaram para a relevância de pelo menos um condicionamento social em cada conjunto de dados, levaram a autora a concluir que “na variedade brasileira, o apagamento de vogais é objeto de valoração social (...) [e que] a aplicação da regra de apagamento estará condicionada a um ou mais fator(es) extralinguístico(s)” (GOMES, 2015, p. 102).

Mota (2019) se propôs a estudar a síncope em um *corpus* oriundo de Alagoas. Foram analisados 1.991 proparoxítonas, mobilizadas por 216 falantes. Destaca-se o dado [‘εpkε] <época>, que contraria postulações de outros autores, que afirmam que o apagamento no

PB não ocorre em contextos nos quais a ressilabificação não é possível. Segundo o autor, a síncope foi favorecida “(1) nos casos em que há apagamento na sílaba final, (2) quando a vogal média é alta [i/u], (3) quando a proparoxítone não ocupa a última posição da sentença e (4) em relação diretamente proporcional ao tamanho da palavra” (MOTA, 2019, p. 69). Em relação às variáveis sociais, tanto os homens adultos quanto os idosos favoreceram a regra. O autor concluiu que não há processo de mudança em curso.

Mesmo com índices percentuais bastante distintos, todos os trabalhos revisados apontam para uma regularidade em relação aos condicionamentos que favorecem a regra, principalmente nos linguísticos. A natureza dos contextos precedente e subsequente, o traço da articulação da vogal e o número de sílabas figuram como relevantes em todas as análises. Em relação às variáveis extralinguísticas, há uma divergência maior no que favorece ou não a regra, mas a escolaridade e o sexo se mostraram os mais relevantes. Apesar disso, em todos os trabalhos, pelo menos uma variável social foi selecionada (com exceção de Chaves, 2011, que estava trabalhando só com dados oriundos de informantes com baixa escolaridade, o que, segundo a autora, pode ter interferido na não-seleção). Dessa maneira, percebe-se que, no PB, as variáveis extralinguísticas selecionadas variam de acordo com a localidade estudada, mas as linguísticas se mostram estáveis.

3.2 A variedade europeia

Considerando o Português europeu (PE), os estudos são menos numerosos (FERNANDES, 2007; GOMES, 2015, 2018; FERNANDES, 2019), e revelam que o fenômeno da síncope está diretamente relacionado com aspectos da configuração do sistema vocálico do próprio PE, que propicia, em contextos átonos, uma atuação bastante frequente de regras de apagamento.

Fernandes (2007) analisa o apagamento em vocábulos trissílabos no PE, utilizando a gravação da leitura de um texto. A autora encontrou apagamento em 72,07% dos dados, que refletem ocorrências na postônica medial, na postônica final, em ambas e em outras partes da palavra. No que se refere especificamente às vogais postônicas mediais, a síncope da vogal ocorreu em 30,63% dos casos, sendo a qualidade da vogal o condicionamento mais relevante. Segundo a autora “as vogais átonas ficam sujeitas a um enfraquecimento que as deixa vulneráveis ao apagamento” (p. 125), permitindo, inclusive, em alguns dos dados, a supressão de dois segmentos,

transformando a proparoxíttona em um monossílabo. A investigação revela, portanto, que muitas das proparoxítonas são regularizadas em paroxítonas nessa variedade.

Gomes (2015) encontrou 49% de apagamento em seu estudo acerca da norma metropolitana de Lisboa. As variáveis modo de articulação da consoante precedente, modo de articulação da consoante seguinte e dimensão do vocábulo foram selecionadas. A autora, que faz uma comparação entre o PB e PE, pontua que “enquanto, no PB, se mantém um quadro de variação estável nos contextos átonos, no PE, parece estar havendo uma tendência ao apagamento” (GOMES, 2015, p. 101).

Fernandes (2019) analisou dados oriundos de 43 informantes, sendo 22 deles de Oeiras/Lisboa e 21 do Cacém. Os dados foram tratados em conjunto e encontrou-se um índice de apagamento de 12,1%. Da mesma maneira que nos trabalhos referentes à variedade brasileira, os condicionamentos linguísticos selecionados foram a) o traço de articulação da vogal medial, b) a consoante subsequente à vogal medial, c) o número de sílabas do vocábulo e d) a consoante precedente à vogal medial. Nenhuma das variáveis sociais foi selecionada, assim como nos outros trabalhos apresentados. O autor argumenta que “o fenômeno da síncope – assim como dos demais metaplasmos por supressão – é corrente na parole lisboeta e não carrega nenhum estigma social.” (FERNANDES, 2019, p. 18). Isso parece acontecer pois, no contexto pretônico, a variedade portuguesa apresenta um processo de alteamento concluído e que se expande para os demais contextos átonos, sendo o apagamento uma etapa natural nesse processo.

Dessa maneira, conclui-se que, diferentemente do que foi encontrado nos trabalhos acerca das variedades do PB, no Português europeu, há duas diferenças fundamentais no que tange a produtividade da síncope: (1) O PE permite a produção de sílabas consideradas mal estruturadas no PB e (2) as variáveis sociais não demonstram ser relevantes.

3.3 A variedade são-tomense

Em relação à síncope da postônica medial na variedade são-tomense, os estudos são ainda mais escassos (GOMES, 2018; ALVES, 2019), apesar de muito relevantes, principalmente considerando que também tratam de uma variedade africana do Português.

Ambas as autoras (GOMES, 2018; ALVES, 2019) investigaram dados do mesmo *corpus*, cujos inquéritos foram realizados na cidade de São Tomé. Os resultados encontrados mostraram

que o apagamento ocorre em 36% dos casos e é condicionado por duas restrições fonológicas (a consoante precedente à vogal postônica e o traço de articulação da postônica medial) e três condicionamentos sociais (idade, escolaridade e frequência de uso de crioulos).

Pensando na relação entre a frequência de uso de crioulos e o apagamento, ambas as autoras tocam na questão do forte multilinguismo presente na comunidade analisada. Apesar de Alves (2019) questionar o fato de um dos indivíduos ter desequilibrado os resultados e, por isso, haver a necessidade de estudar uma amostra maior, é impossível negar a influência do Forro, crioulo de base lexical portuguesa que convive com o Português em São Tomé, no fenômeno estudado. Segundo Ferraz (1979), o Forro tem uma tendência em eliminar segmentos átonos, reduzindo-os.

Gomes (2018) conclui, portanto, que o PST “tende muito mais a aplicar processos de elisão de segmentos, em uma tentativa de regularizar os itens com mais de duas sílabas ao padrão dissilábico, não estando as regras de apagamento vinculadas a um espelhamento no PE” (p. 174).

É possível fazer esse tipo de proposição graças às descrições do funcionamento do Forro, mas o mesmo não acontece com as línguas que convivem com o Português em Moçambique. As descrições fonético-fonológicas são muito escassas ou inexistentes, e as hipóteses acabam se limitando a aspectos do próprio Português ou do contato em si, mas não de características dessas línguas, conforme será demonstrado nas seções posteriores.

4 A VARIEDADE MOÇAMBICANA

Não seria possível propor uma análise em uma abordagem sociolinguística sem que fossem considerados os processos históricos e sociais que construíram a variedade na qual o fenômeno em questão está inserido. Partindo, portanto, da disposição geográfica de Moçambique e apresentando questões que buscam entender o contexto multilíngue do país, a presente seção se dedica a descrever aspectos que caracterizam a variedade moçambicana do Português.

4.1 Localização

A República de Moçambique é um país litorâneo localizado no sudeste da África. Divide-se em onze províncias (Cabo Delgado, Gaza, Inhambane, Manica, Maputo, cidade de Maputo, Nampula, Niassa, Sofala, Tete e Zambézia) que se estendem por 801.537k². A **Figura 1** mostra o território moçambicano e suas principais divisões.

Figura 1- Mapa de Moçambique



Fonte: <https://pt.maps-mozambique.com/mo%C3%A7ambique-rio-mapa>

De acordo com o censo realizado pelo Instituto Nacional de Estatística em 2017 (INE, 2017), a população de Moçambique é constituída por 28,8 milhões de habitantes. A capital, Maputo, local de recolhimento dos inquiridos analisados neste trabalho, é a cidade mais populosa do país. Ademais, ela é considerada uma área urbana, na qual a Língua Portuguesa é massivamente presente. No censo de 2017, o Português foi apontado como língua materna de 49% da população de Maputo (INE, 2017). Entre as crianças de 5-9 anos moradoras da capital, esse número chega a 64%, o que indica um possível aumento de falantes nas próximas gerações.

Todavia, esse quadro não se mostra homogêneo em todo o país, já que há muitas áreas rurais nas quais o Português não é tão disseminado. Nesses locais, as línguas da família bantu ainda prevalecem enquanto línguas maternas e, segundo Pissurno (2018), “a população da zona rural continua tendo o Português praticamente como uma língua estrangeira, de acesso restrito ao meio escolar” (p. 82). Exploraremos a seguir os percursos históricos que levaram os dados a terem essa configuração.

4.2 Processos sócio-históricos do Português em Moçambique

O contato do Português com as línguas que já coexistiam em Moçambique se dá a partir de 1498, ano da chegada de Vasco da Gama à costa moçambicana. Apesar dos fortes movimentos colonizadores da época, os portugueses não demonstraram grande interesse em ocupar o território, apenas em tê-lo como fonte de ouro, marfim e pessoas escravizadas (CHIMBUTANE, 2018). Isso significa que o contato linguístico não se deu de maneira tão elevada no início desse processo de colonização.

Assim permaneceu a relação entre Portugal e Moçambique nos primeiros dois séculos após a chegada dos portugueses, sendo a administração da colônia mediada a partir da Índia, sem contato direto com a metrópole. Moçambique, portanto, ocupava uma “posição marginal” (GONÇALVES, 2001, p. 977), principalmente quando em comparação às outras colônias portuguesas. Esse panorama só começa a mudar no final do século XIX, quando as fronteiras são demarcadas e Maputo (na época, Lourenço Marques) é escolhida como capital. Este não foi, naturalmente, um processo pacífico e nem algo que ocorreu de maneira repentina, mas sim um período marcado por campanhas militares e conflitos entre o colonizador e resistências locais.

Ainda assim, a presença mais efetiva da metrópole, com imigração de colonos, e consequente fomento da educação, só veio a acontecer a partir de 1918, ano de finalização das campanhas militares e época na qual Portugal considerou o território, por fim, ocupado. O número de imigrantes portugueses ainda era bastante baixo, mas Firmino (2010) destaca que a presença desses colonos acabou causando uma “competição desleal no trabalho” (p. 6) e que os moçambicanos tinham de provar uma qualificação que esbarrava justamente no conhecimento do Português.

O que parecia estar em questão, portanto, era o status do Português enquanto mobilizador social, algo que foi gradativamente ganhando força, principalmente quando a língua foi incorporada às chamadas “Escolas Indígenas”, criadas para disseminar o Português para a população local. Além disso, na mesma época, as línguas africanas passaram a ser proibidas no ambiente escolar, um movimento com um viés ideológico colonizador que procurou minar as línguas locais, reduzindo-as ao convívio familiar.

Em 1962, a resistência pela independência começa a ficar mais forte e fundou-se a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). A fim de mobilizar o maior número possível de cidadãos, os movimentos pela independência acabaram por escolher justamente o Português como a língua franca que os uniria em oposição ao colonizador. Essa foi, segundo Firmino (2010) uma decisão ligada ao “desenvolvimento de um quadro ideológico que associava o português à promoção da unidade nacional e à criação de uma consciência nacional” (p. 9). De maneira análoga, é possível ponderar que quaisquer línguas bantu que fossem escolhidas acabariam por colocar uma região e um povo à frente dos outros, desafiando o sentimento nacionalista tão importante em uma independência.

Moçambique conquista a independência em 1975, após mais de uma década de luta armada, e declara Português como língua oficial. Mesmo após a independência, o discurso ideológico de que o Português “quebrava as barreiras das línguas maternas” (Revista Tempo n.o 471, p. 12 *apud* Firmino, 2010), tanto interna quando externamente continuava sendo disseminado. Para tanto, houve um alargamento de políticas linguísticas que reforçavam o uso da Língua Portuguesa, por meio de propagandas e discursos do governo, mas, principalmente, através de campanhas de educação em massa.

Apesar disso, e em um movimento contrário à visão hegemônica do Português, a Constituição de 1990 estabeleceu que “o Estado devia promover o desenvolvimento das línguas

africanas na vida pública, inclusive na educação.” (CHIMBUTANE, p. 101, 2018). Isso passou a garantir uma educação bilíngue, legitimada, além de reforçar o contato entre as línguas, permitindo, cada vez mais, que a variedade moçambicana do Português se estabeleça de maneira mais característica.

Enfim, em relação a essa variedade, Firmino (2010), destaca que

O português em Moçambique pode ser visto como um continuum que oscila desde as formas do mau português (pejorativamente chamado pretuguês) até às formas mais próximas do português europeu, cujo modelo europeu ainda é considerado como o padrão e, teoricamente, continua a ser difundido nas escolas. (p. 22)

Discussões recentes acerca da padronização da variedade moçambicana do Português (GONCALVES, 2001; CHIMBUTANE, 2018; PISSURNO, 2018), revelam que, apesar de já ser possível identificar alguns traços característicos, principalmente no que diz respeito a incorporações e adaptações de itens lexicais e de modificações sintáticas, ela ainda é considerada uma variedade em formação.

5 ASPECTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

5.1 A Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística é um campo de investigação que entende a língua como um sistema dotado de uma heterogeneidade estruturada e sistemática (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968). Para a Sociolinguística Variacionista (também conhecida como Teoria da Variação e Mudança), há uma relação intrínseca entre língua e contexto social. As línguas são moldadas pelas relações que se estabelecem entre indivíduos inseridos em comunidades de fala – grupos que compartilham comportamentos sociais comuns perante a(s) língua(s) /a(s) variedades(s) que usam. Desse modo, compreende-se que é impossível destacar a língua da sociedade e que diversos fatores influenciam a maneira de determinado grupo produzir diferentes enunciados.

A teoria também postula que a variação é inerente a todas as línguas e que as formas variáveis não são desprezadas do sistema linguístico, pelo contrário – são lógicas e, portanto, sistemáticas e explicáveis. Ademais, a possibilidade de variação está intimamente ligada a fatores estruturais da língua, mas pode ser igualmente motivada por aspectos sociais, tais quais origem, sexo, escolaridade, idade, atitude, comportamento, entre outros.

Além disso, para Weinreich, Labov e Herzog (1968), os falantes são capazes de lidar com as diferentes variantes, mesmo quando estas entram em competição e gradualmente causam mudança. Mesmo assim, isso não significa que toda variação causará mudança, já que é possível que duas formas coexistam em uma mesma comunidade de fala sem prejuízo à comunicação entre os indivíduos. Inclusive, um mesmo falante é capaz de produzir variantes diferentes sem que isso comprometa sua competência ou proficiência na língua (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968). Como exemplo, é possível notar as duas formas utilizadas pelo informante PMO026 para produzir o item “política”, conforme demonstra o quadro abaixo.

Quadro 3 – Variantes do item “política” produzidas pelo informante PMO026

Variante 1	Variante 2
[pu'litike]	[pu'ligɐ]

Fonte: elaboração da autora

Verifica-se que na primeira variante houve a manutenção de todos os segmentos do item, enquanto na segunda ocorreu a supressão da sílaba postônica medial, reduzindo o item lexical ao acento paroxítono. Isso mostra que o falante, que está inserido em uma comunidade de fala multicultural e diversa, é capaz de produzir e de entender mais de uma variante, e que é possível identificar quais condições levam à produção de cada uma das variantes. Dessa maneira, reforça-se que a variação existe e não tem efeito aleatório, mas que faz parte do sistema linguístico e das possibilidades de uma língua.

5.2 Metodologia

A pesquisa sociolinguística se debruça justamente sobre o entendimento das diferentes formas variantes e dos condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que as afetam. Nessa metodologia, portanto, uma das possibilidades para recolher e montar um *corpus* é por meio das entrevistas do tipo DID – diálogo entre informante e documentador. Nesse caso, realiza-se uma série de entrevistas nas quais busca-se simular uma interação natural entre o entrevistador e o entrevistado. É importante pontuar que um falante-ouvinte ideal não existe, e sim uma situação comunicativa real (LABOV, 1972), e por isso é importante que as perguntas remetam ao cotidiano e permitam com que o informante se sinta confortável e não avaliado linguisticamente, para que ele monitore o mínimo possível o próprio discurso.

A entrevista é sucedida pela transcrição da gravação na íntegra e pela audição e transcrição do fenômeno em questão. São então listados condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que podem ter influenciado na produção do fenômeno – as variáveis independentes. Os dados são gerados por programas estatísticos, vê-se quais variáveis foram selecionadas pela ferramenta quantitativa e os resultados são analisados.

Este trabalho passou por essas mesmas etapas: realizaram-se 18 entrevistas, que foram transcritas e catalogadas. Seguiu-se a audição e transcrição dos itens proparoxítonos e a postulação das restrições que atuavam pelo apagamento ou não dos segmentos postônicos mediais. Os dados foram, então, tratados pela ferramenta de análises estatísticas Goldvarb X.

Os condicionamentos que foram analisados como potencialmente relevantes estão explicitados no quadro abaixo, sendo oito deles de caráter linguístico e cinco de caráter social.

Quadro 4 – Condicionamentos analisados

Variáveis linguísticas	Variáveis sociais
Consoante precedente Consoante subsequente Traço de articulação da postônica medial Vogal tônica Vogal postônica final Número de sílabas do vocábulo Classe morfológica Coda da sílaba tônica	Faixa etária Escolaridade Sexo Estatuto do Português Línguas dominadas pelo informante

Fonte: elaboração da autora

É importante pontuar que, pela impossibilidade do programa Goldvarb X de projetar o item lexical como uma variável independente, devido ao efeito aleatório de cada palavra, realizou-se o controle de maneira qualitativa, totalizando 688 ocorrências, mas 149 itens distintos. Dessa maneira, não foi possível postular análises que depreendessem de itens lexicais específicos (por exemplo, pontuando que determinada palavra favoreceria a aplicação da regra). O controle lexical, com todos os itens encontrados, está listado ao final deste trabalho, nos anexos.

5.3 Análise do *corpus* e hipóteses

Apresentados os pressupostos teóricos e metodológicos que permeiam este trabalho, passa-se a um olhar mais atento ao *corpus*. Em primeiro lugar, destaca-se que a amostra pertence ao projeto *Corporaport* (Variedades do Português em Análise, disponível em <http://corporaport.letas.ufrj.br>), sediado na UFRJ, e que os 18 inquéritos que o integram foram recolhidos em 2016 em Maputo, capital de Moçambique.

A amostra foi estratificada acordo com a faixa etária (faixas A, B e C, discriminadas abaixo), sexo e escolarização (nível básico, intermediário e superior de instrução) dos informantes. O **Quadro 5** evidencia também o modo de aquisição do Português de cada entrevistado, distinguindo os que adquiriram a língua como língua materna (L1) dos que tiveram a aquisição como segunda língua (L2).

Quadro 5 - Informantes moçambicanos, distribuídos de acordo com a aquisição do Português (língua materna ou segunda língua)

Escolaridade/Idade/Sexo	Nível 1 de Instrução		Nível 2 de Instrução		Nível 3 de Instrução	
	H	M	H	M	H	M
Faixa A (18 a 35 anos)	L2	L1	L1	L2	L1	L1
Faixa B (36 a 55 anos)	L2	L2	L1	L1	L1	L1
Faixa C (a partir de 56 anos)	L2	L1	L2	L2	L1	L1

Fonte: elaboração da autora

Algumas considerações em relação ao *corpus* se mostram relevantes. Nota-se que, em relação à aquisição do Português, o número de informantes não é pareado como nas demais categorias, já que 11 falantes declararam ter o Português como L1 e apenas 7 como L2. Essa informação é dada pelos próprios informantes, e pode representar a maneira com que se veem perante a sociedade em que vivem, já que alguns declararam ter o Português como L1 mas, durante a entrevista, pontuaram que a língua falada em casa é o Changana (principal língua bantu em Maputo). Apesar disso, percebe-se que todos os falantes de maior nível de escolaridade declararam ter o Português como primeira língua. Isso vai de acordo com o foi apresentado nos últimos censos e com o histórico previamente discutido: a escolarização e o Português estão fortemente interligados.

Portanto, levando em conta a Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968) e feitas as descrições das etapas metodológicas e as considerações acerca do *corpus*, passa-se a justificar e explicitar as hipóteses que guiam este trabalho.

De acordo com as pesquisas já realizadas em outras variedades do Português, como o europeu, brasileiro e são-tomense (AMARAL, 2002; LIMA, 2008; FRANÇA, 2009; CHAVES, 2011; ARAUJO E LOPES, 2014; GOMES, 2015; GOMES, 2018; MOTA, 2019; ALVES, 2019; FERNANDES, 2019) a regra do apagamento mostra-se produtiva, regularizando os itens lexicais ao padrão acentual prototípico do Português, o paroxítono. Portanto, pretende-se verificar se a regra é igualmente produtiva na variedade moçambicana e quais das variáveis citadas favorecem ou não a sua aplicação. Espera-se que:

- a) as proparoxítonas regularizem-se ao padrão paroxítono, especialmente os itens cujos contextos propiciem o apagamento, por conta de sua excepcionalidade no rol dos padrões acentuais do Português e de sua inexistência em pelo menos uma das línguas bantu falada na capital moçambicana;

- b) o contato linguístico exerça um papel fundamental na realização do item em questão. Um indivíduo que tem o Português como L2 ou que adquiriu Português como L1 e domina uma (ou mais) língua(s) local (is) deve ter dificuldade em produzir um padrão acentual menos utilizado no inventário fonológico do Português e possivelmente inexistente nas línguas bantu que ele adquiriu, como L1 ou L2;
- c) o fato de o Português europeu ser a norma-alvo nas escolas e a norma de referência (GONÇALVES, 2005) também favoreça esse apagamento, já que o PE tem tendência em apagar segmentos átonos, inclusive permitindo “violações aos princípios que regem a constituição da sílaba em Português” (GOMES, 2018, p. 215).

Não foi possível traçar hipóteses que depreendessem especificamente da influência das línguas maternas na produtividade do fenômeno pela (1) escassez de trabalhos descritivos acerca dessas línguas e (2) multiculturalidade dos informantes, que tem *backgrounds* linguísticos muito distintos. Contudo, acredita-se que o contato em si seja relevante para o apagamento, pelas razões expostas em *b*. Sabe-se, entretanto, que em Changana, língua local mais falada em Maputo, o acento tônico recai na penúltima sílaba, “fazendo com que a gravidade seja a característica mais notável das palavras changanas” (RIBEIRO, 2016, p. 18). Isso também reforça a possibilidade de o contato linguístico acentuar a regularização das proparoxítonas em paroxítonas, já que tanto o Português quanto o Changana têm as paroxítonas como acento principal.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção, são apresentados os resultados gerados pelo GoldvarbX. Começamos por explicitar, de maneira mais ampla, as porcentagens de apagamento e de manutenção da postônica medial. Em seguida, apresentam-se os condicionamentos que favoreceram a regra do apagamento e que foram selecionados. Por último, procura-se analisar cada variável que se mostrou estatisticamente relevante, além de traçar ponderações a respeito das que não foram selecionadas.

A **Tabela 1**, a seguir, contém os índices gerais de aplicação da regra do apagamento da postônica medial.

Tabela 1 – Distribuição das variantes

variante	apl/t	exemplo
Apagamento da postônica medial	213/688 = 31%	árvore [‘arvrɪ]
Manutenção da postônica medial	475/688 = 69%	católica [k‘tɔlikə]

Fonte: elaboração da autora

A frequência bruta de apagamento mostra-se expressiva, com um índice de 31%, em dados como [‘arvrɪ] <árvore> e [ri‘diklu] <ridículo>. A manutenção da vogal, por outro lado, ocorreu em 69% dos casos, como em [k‘tɔlikə] <católica> e [‘medikə] <médica>.

O **Quadro 6** apresenta as variáveis que se mostraram estatisticamente relevantes, favorecendo o apagamento da postônica medial.

Quadro 6 – Variáveis estatisticamente relevantes para o apagamento da postônica medial

Variáveis selecionadas	
Traço de articulação da postônica medial	
Consoante precedente à postônica medial	
Consoante subsequente à postônica medial	
Número de sílabas do vocábulo proparoxítono	
Faixa etária dos informantes	
Escolaridade dos informantes	
Input inicial	.31
Input da rodada selecionada	.26
Significância	.00

Fonte: elaboração da autora

Das quatorze variáveis postuladas, seis foram selecionadas: quatro linguísticas e duas sociais. Dois dos condicionamentos linguísticos, de natureza fonológica (consoante precedente e consoante subsequente), controlam o contexto adjacente à vogal e apontam para a esperada ressilabificação das consoantes em direção ao ataque da sílaba final. O traço de articulação da postônica medial e o número de sílabas também se mostraram relevantes. Em relação às restrições sociais, destaca-se que as que controlavam o contato linguístico não foram selecionadas.

É importante destacar que as variáveis selecionadas em nada se distanciaram das que foram pontuadas em outros trabalhos sociolinguísticos que tratam do apagamento (elencados na seção 3, anteriormente). Isso demonstra que a atuação e incidência das variáveis no fenômeno é bastante consistente.

Para a realização de uma análise mais detalhada dos resultados, serão descritas, individualmente, as variáveis linguísticas selecionadas, seguidas dos condicionamentos extralinguísticos.

6.1 As variáveis linguísticas

A **Tabela 2** retrata o resultado relativo ao traço de articulação da vogal postônica medial. Em relação a esta variável, o resultado confirma o comportamento descrito em outros estudos da área, como em Santana (2012): as vogais labiais são, em função de suas propriedades articulatórias, as mais propensas ao apagamento.

Tabela 2 – Traço de articulação da vogal postônica medial

Traço	exemplo	Apl/T	PR
Dorsal	bêb <u>a</u> do - [ˈbebdʊ]	15/115 = 13%	.21
Coronal	ráp <u>i</u> do - [ˈrapd]	155/517 = 30%	.55
Labial	cálc <u>u</u> lo - [ˈkawklʊ]	43/56 = 76,8%	.68

Fonte: elaboração da autora

As vogais labiais em posição postônica não-final favoreceram o apagamento (.68), como em círculo, produzido [ˈsirklʊ]. Nota-se que as coronais também favoreceram a síncope, porém com o peso relativo menos expressivo (.55), como em [ˈdivdɐ]. As dorsais desfavoreceram a regra. Araujo *et al.* (2008), conforme exposto no **Quadro 1** (apresentado na seção 2), pontuam que o /u/, uma vogal labial, é o mais passível de apagamento, seguido do /e/, vogal coronal.

O resultado relativo à vogal dorsal é o que mais surpreende, já que o /a/ pode ser apagado em 49% dos casos, e encontramos apenas 13% de apagamento. O alto índice de manutenção dessa vogal pode ser explicado em razão dos contextos silábicos das palavras em questão. É relevante considerar que grande parte desses dados são relativos aos verbos conjugados na primeira pessoa do plural do pretérito imperfeito - “estudávamos”, por exemplo - contexto que favoreceu de maneira quase unânime a manutenção da vogal.

A **Tabela 3**, abaixo, expõe o resultado para o modo de articulação da consoante precedente. Neste, as obstruintes - oclusivas e fricativas - favoreceram a aplicação da regra, confirmando a hipótese de que elas se anexariam à consoante líquida subsequente, formando um ataque complexo e proporcionando a queda da vogal.

Tabela 3 – Modo de articulação da consoante precedente

Modo de articulação	exemplo	Apl/T	PR
Oclusivas	ép <u>o</u> ca - [ˈɛpkə]	89/206 = 43,2%	.65
Fricativas	dí <u>v</u> ida - [ˈdivdɐ]	79/188 = 42%	.63
Nasais	islâm <u>u</u> ica - [iʃˈlɛmkə]	22/105 = 21%	.36
Onsets complexos	Á <u>f</u> rica - [ˈafɾɐ]	12/77 = 15,6%	.36
Líquidas	cató <u>l</u> ica - [kˈtɔlkə]	11/83 = 13,3%	.16

Fonte: elaboração da autora

Entretanto, como é possível observar nos exemplos, a ressilabificação não se mostrou como condição absoluta para a realização do apagamento, apesar de grande favorecedora. Em dados como “época”, “dívida” e “África” a vogal foi suprimida em um contexto no qual a palavra final não está de acordo com as regras de formação das sílabas em Português. Isso pode apontar para uma semelhança do PM com o PE, que também permite essas violações. Entretanto, levando em conta que estamos lidando com um *corpus* reduzido, não é possível afirmar esse espelhamento de maneira categórica.

Combinando o resultado da **Tabela 3** com o apresentado na **Tabela 4**, tem-se novamente a confirmação de que os contextos adjacentes, se propícios, suprimem a vogal e readéquam o item a um padrão silábico mais forte. A **Tabela 4** apresenta o resultado para as consoantes subsequentes.

Tabela 4 – Modo de articulação da consoante subsequente

Modo de articulação	exemplo	Apl/T	PR
Líquidas	apóstolo – [a'pɔʃtlɔ]	43/63 = 73%	.83
Fricativas	análise - [ə'nalɪz]	6/12 = 50%	.75
Nasais	décimo - [ˈdesmu]	54/197 = 27,4%	.52
Oclusivas	político - [pu'litku]	107/414 = 25,8%	.42

Fonte: elaboração da autora

Destacam-se as líquidas, com um peso relativo alto (.838). O dado [a'pɔʃtlɔ] <apóstolo> é um exemplo do tipo de construção que ajuda a entender o quão interligados os resultados das duas últimas tabelas estão. A consoante líquida subsequente à vogal [ɪ] se anexou à consoante oclusiva precedente [t] apagando a vogal medial, formando o ataque complexo e proporcionando a redução da proparoxítone em paroxítone. Além da anexação à consoante obstruente antecedente, observa-se que as líquidas podem também se anexar à coda da sílaba tônica, passando a realizar o padrão silábico CVC, como em análise, produzido [a'nalɪz].

A **Tabela 5** controla o número de sílabas do vocábulo. Esperava-se que, quanto maior a palavra, maior seria a chance de supressão da postônica medial. Os resultados confirmaram a hipótese e a quantidade de sílabas dos vocábulos mostrou-se diretamente proporcional ao apagamento.

Tabela 5 – Número de sílabas do vocábulo

Sílabas	exemplo	Apl/T	PR
3 sílabas	número – [‘numrʊ]	141/478 = 29,5%	.42
4 sílabas	semáforo – [si’mafru]	49/159 = 30,8%	.62
5 ou mais sílabas	científica – [siẽ’tigʷ]	23/51 = 45,1%	.75

Fonte: elaboração da autora

Nota-se que o grupo de vocábulos com 5 ou mais sílabas foi o que mais favoreceu a aplicação da regra (.75). Em seguida, figuram as palavras de 4 sílabas (.62), e, por último, as palavras menores (.42), que não favoreceram a aplicação. É importante ressaltar que, nos maiores vocábulos, ocorreu também o apagamento de segmentos inteiros, e não só das vogais. Nesses casos, a adequação do vocábulo ao padrão paroxítono também aconteceu. É o caso da palavra “científica”, produzida como [siẽ’tigʷ], tendo sido eliminado toda a sílaba postônica não-final.

6.2 As variáveis extralinguísticas

As variáveis sociais selecionadas apresentaram comportamentos peculiares, descritos a seguir.

Em relação à variável faixa etária, conforme múltiplos estudos da área, esperava-se que os informantes mais jovens apagassem mais, por serem mais inventivos com a língua. Ao mesmo tempo, os indivíduos mais velhos apagariam menos, por serem mais conservadores. Os resultados estão expostos na **Tabela 6**.

Tabela 6 – Faixa etária dos informantes

Faixa	Apl/T	PR
18 a 35 anos	104/274 = 38%	.56
36 a 55 anos	34/162 = 21%	.31
Mais de 56 anos	75/252 = 29,8%	.55

Fonte: elaboração da autora

Os pesos relativos entre a primeira e a última faixa etária, entretanto, mostraram-se muito próximos (.56 e .55, respectivamente), sem uma diferença estatística relevante. Tem-se, portanto, que os integrantes das faixas A e C apagam a vogal postônica não-final na mesma medida.

Na **Tabela 7**, apresentam-se os resultados da variável *escolaridade*. Esperava-se uma gradação entre os níveis de escolaridade, passando de uma maior porcentagem de supressão, no caso dos menos escolarizados e a diminuição sucessiva do apagamento para os mais escolarizados.

Tabela 7 – Escolaridade

Nível	Apl/T	PR
Nível básico	58/201 = 28,9%	.43
Nível intermediário	93/257 = 36,2%	.62
Nível superior	62/230 = 27%	.42

Fonte: elaboração da autora

Os informantes com nível médio de escolarização acabaram favorecendo a regra (.62), enquanto os outros dois a desfavoreceram em medidas muito parecidas (.43 e .42). Levando em conta o alto índice de palavras raras entre as proparoxítonas (cf. exposto na seção 2), esperava-se que estas fossem reconhecidas e manuseadas de maneira mais natural (em discursos menos monitorados) por falantes de escolaridade mais alta. Além disso, há, ao menos no PB, certo desprestígio relacionado à produção da forma reduzida. Dessa maneira, a tendência ao apagamento estaria maximizada para falantes com menor nível de escolaridade, o que não aconteceu. Isso pode demonstrar que não há estigma associado à utilização da forma sincopada na comunidade de fala em questão.

As variáveis que controlavam a aquisição do Português e o domínio da Língua Portuguesa e das línguas locais por parte dos informantes não foram selecionadas. Os resultados para ambas as variáveis constam na **Tabela 8**¹.

¹ É importante pontuar que, pelo fato de as variáveis não terem sido selecionadas pelo programa, os pesos relativos (entre parênteses) foram extraídos da primeira rodada do *step-down*, em que todas as variáveis são correlacionadas para definir os contextos que não favorecem a aplicação da regra (os condicionamentos que são rejeitados na análise multivariada).

Tabela 8 – Variáveis que controlavam o contato linguístico

Estatuto do Português	Apl/T	PR
Português L1	137/465 = 29,5%	(.61)
Português L2	76/223 = 34,1%	(.28)
<hr/>		
Línguas dominadas pelos informantes	Apl/T	PR
Só fala Português e compreende línguas locais	79/297 = 26,6%	(.31)
Fala Português e línguas locais	70/221 = 31,7%	(.50)
Fala mais línguas locais que Português	64/170 = 37,5%	(.79)
Log likelihood = -330.164		

Fonte: elaboração da autora

Em relação ao estatuto do Português, nota-se uma inversão entre o percentual e o peso relativo (maior percentual e menor peso relativo e menor percentual e maior peso relativo), o que pode demonstrar problemas na distribuição dos dados. A variável *línguas dominadas pelos informantes*, apesar do peso relativo maior que o ponto neutro, também foi descartada.

6.3 Uma nova análise

Considerando a realidade sociolinguística multilíngue da variedade moçambicana do Português e a fim de melhor entender e analisar os resultados das variáveis sociais, uma nova análise foi proposta. Nessa segunda rodada, também se pretendia verificar se a sobreposição de outros parâmetros sociais teria impedido a atuação consistente das variáveis que controlavam o contato linguístico.

Para realização de tal análise, reorganizaram-se as variáveis sociais, criando amálgamas entre elas, conforme exposto no quadro a seguir.

Quadro 7 – Reconfiguração das variáveis sociais

FAIXA ETÁRIA + ESCOLARIDADE	FAIXA ETÁRIA + LÍNGUAS DOMINADAS	ESCOLARIDADE + LÍNGUAS DOMINADAS
18 a 35 anos + nível 1	18 a 35 anos + só fala Português	nível 1 + só fala Português
18 a 35 anos + nível 2	18 a 35 anos + fala mais Português	nível 1 + fala mais Português
18 a 35 anos + nível 3	18 a 35 anos + fala mais línguas locais	nível 1 + fala mais línguas locais
<hr/>		
36 a 55 anos + nível 1	36 a 55 anos + só fala Português	nível 2 + só fala Português
36 a 55 anos + nível 2	36 a 55 anos + fala mais Português	nível 2 + fala mais Português
36 a 55 anos + nível 3	36 a 55 anos + fala mais línguas locais	nível 2 + fala mais línguas locais
<hr/>		
mais de 56 anos + nível 1	mais de 56 anos + só fala Português	nível 3 + só fala Português
mais de 56 anos + nível 2	mais de 56 anos + fala mais Português	nível 3 + fala mais Português
mais de 56 anos + nível 3	mais de 56 anos + fala mais línguas locais	nível 3 + fala mais línguas locais

Fonte: elaboração da autora

Com essa configuração, seria possível localizar o conjunto de variáveis que teria causado o resultado, com a informação adicional de quais grupos específicos favoreceram a regra. O resultado da segunda análise é exposto a seguir.

Quadro 8 – Variáveis selecionadas na segunda análise

Variáveis selecionadas	
Traço de articulação da vogal postônica medial	
Consoante precedente à postônica medial	
Faixa etária + escolaridade	
Número de sílabas do vocábulo proparoxítono	
Consoante subsequente à postônica medial	
Input inicial	.31
Input da rodada selecionada	.29
Significância	.00

Fonte: elaboração da autora

Na segunda análise, foram selecionadas as mesmas variáveis linguísticas: o traço de articulação da postônica medial, o modo de articulação das consoantes adjacentes e o número de sílabas. A **Tabela 9** apresenta os resultados desses condicionamentos.

Tabela 9 – variáveis linguísticas selecionadas na segunda análise

Traço de articulação da vogal postônica medial		
Traço	Apl/T	PR
Dorsal	15/100 = 13%	.20
Coronal	157/519 = 30%	.55
Labial	44/59 = 77%	.68
Consoante precedente à postônica medial		
Modo de articulação	Apl/T	PR
Obstruintes	172/398 = 43%	.62
Nasais	22/105 = 20%	.33
Líquidas	11/83 = 13%	.16
Número de sílabas do vocábulo		
Sílabas	Apl/T	PR
3 sílabas	143/480 = 29%	.41
4 sílabas	52/162 = 32%	.65
5 sílabas ou mais	23/51 = 45%	.75
Consoante subsequente à postônica medial		
Modo de articulação	Apl/T	PR
Obstruintes	115/428 = 26%	.43
Nasais	54/197 = 27%	.48
Líquidas	49/66 = 74%	.86

Fonte: elaboração da autora

Verifica-se que os condicionamentos linguísticos se comportaram da mesma maneira após a reorganização das variáveis. Em relação ao traço de articulação da postônica medial, as dorsais favoreceram a regra, assim como na primeira análise. As consoantes adjacentes que permitem a formação do ataque complexo após a supressão da vogal continuaram sendo favorecidas: para a posição precedente, as obstruintes e para a posição subsequente, as líquidas. O tamanho da palavra permaneceu relevante, sendo as maiores palavras as mais propensas ao apagamento da vogal.

Analisando, por fim, as variáveis sociais, destaca-se que a variável selecionada foi a que controlava a *faixa etária + escolaridade*. O efeito deste cruzamento foi destrinchado e exposto a seguir.

Tabela 10 – efeito do cruzamento das variáveis *faixa etária e escolaridade*

Variante	Apl/T	PR
18 a 35 anos + nível 1	12/50 = 24%	.49
18 a 35 anos + nível 2	64/116 = 55%	.77
18 a 35 anos + nível 3	20/100 = 20%	.35
36 a 55 anos + nível 1	16/50 = 32%	.35
36 a 55 anos + nível 2	14/85 = 16%	.38
36 a 55 anos + nível 3	11/70 = 15%	.26
mais de 56 anos + nível 1	31/102 = 30%	.43
mais de 56 anos + nível 2	12/53 = 22%	.47
mais de 56 anos + nível 3	37/125 = 30%	.62

Fonte: elaboração da autora

Considerando esse resultado, foi possível verificar as faixas que de fato favoreceram o apagamento: os falantes da primeira faixa etária com nível médio de escolaridade, com o peso relativo de .77 e os da última faixa etária com nível alto de escolaridade (.62).

Com o objetivo de compreender ainda melhor a atuação das variáveis sociais selecionadas em ambas as análises e de visualizar os resultados de maneira mais relevante, procedeu-se a observação individual de cada informante. O **Quadro 9** apresenta esse panorama.

Quadro 9 – Distribuição dos dados por informante

	Nível 1 de instrução		Nível 2 de instrução		Nível 3 de instrução	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Faixa A	A1H	A1M	A2H	A2M	A3H	A3M
	L2	L1	L1	L2	L1	L1
	4/21 = 19%	8/29 = 27,6%	33/51 = 64,7%	31/65 = 47,7%	14/58 = 24,1%	6/42 = 14,3%
Faixa B	B1H	B1M	B2H	B2M	B3H	B3M
	L2	L2	L1	L1	L1	L1
	5/23 = 21,7%	11/27 = 40,7%	5/16 = 31,2%	9/69 = 13%	5/28 = 17,9%	6/42 = 14,3%
Faixa C	C1H	C1M	C2H	C2M	C3H	C3M
	L2	L1	L2	L2	L1	L1
	14/35 = 40%	17/67 = 25,4%	5/22 = 22,7%	7/31 = 22,6%	5/28 = 17,9%	32/97 = 33%

Fonte: elaboração da autora

Analisando o comportamento de cada indivíduo que compõe a amostra, foi possível detectar os informantes que mais destoaram dos índices gerais, destacados em amarelo. Os dois informantes da primeira faixa etária com nível médio de escolaridade podem ter causado o desequilíbrio no resultado da primeira análise, no qual o segundo nível se mostrou estatisticamente relevante, em detrimento ao nível básico e superior. É relevante destacar que esses dois entrevistados trabalham em um hotel, o que intensifica o contato linguístico, tendo em vista que estão constantemente lidando com diferentes línguas. Destaca-se também que três dos quatro informantes que mais apagaram são falantes de Português como L2, mas o que mais apagou se identificou como falante de língua materna.

Nessa distribuição, o indivíduo não é uma variável, mas uma possibilidade de observação e análise em termos percentuais. Isso acontece porque o modelo estatístico utilizado não opera efeitos mistos e condições como idade, item lexical ou indivíduo, com muitas possibilidades de projeção, não podem ser controladas.

Além disso, destaca-se que estamos lidando com apenas dois representantes em cada interseção (nesse caso, faixa etária/nível de escolaridade). Mesmo com um *corpus* significativo em termos linguísticos, em termos sociais, seria valioso contar com uma amostra maior. Essa questão impossibilita proposições mais precisas do que se seria socialmente relevante para a aplicação da regra na variedade moçambicana do Português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, analisou-se a produtividade da síncope das postônicas mediais no Português falado na capital de Moçambique.

Primeiro, buscou-se apresentar os debates acerca da definição das proparoxítonas e da configuração desse padrão acentual no espectro dos parâmetros acentuais do Português. Pontuou-se que esse acento, apesar de menos numeroso e consideravelmente menos usual, é sistemático e parte do inventário linguístico dos falantes.

Em seguida, foram revisados estudos variacionistas que tratam do fenômeno da síncope, levando em conta três variedades do Português: a brasileira, a europeia e a são-tomense. Em todas, a consistência dos condicionamentos linguísticos se mostrou notável: o apagamento da vogal postônica medial é favorecido pela possibilidade de ressilabificação dos segmentos consonantais adjacentes à vogal. Sobre a variedade brasileira, aponta-se que há sempre uma variável social estatisticamente relevante. A variedade europeia destaca-se principalmente por favorecer o apagamento até em contextos estruturalmente não propícios. Na variedade são-tomense, o contexto multilíngue se mostrou significativo quando a variável *frequência de uso de crioulos* foi selecionada.

Na quarta seção, descrevemos o perfil sociolinguístico de Moçambique, focalizando os acontecimentos sócio-históricos que levaram o Português a ser escolhido como língua oficial. Depois de muitos anos de uma educação negligenciada e em meio a diversos conflitos, os moçambicanos conquistaram a independência de Portugal e utilizaram a Língua Portuguesa como ferramenta de união. Pontuou-se também que atualmente, depois de confrontos ideológicos, as escolas parecem estar adotando políticas linguísticas que entendem o bi/multilinguismo como positivo. A consequência é a nativização da variedade moçambicana do Português cada vez mais próxima, sendo desenvolvida em um ambiente legitimamente multilíngue.

A seção seguinte teve por objetivo explorar os preceitos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968), introduzindo as etapas de uma pesquisa sociolinguística. Ainda nessa seção, apresentou-se o *corpus*, os condicionamentos analisados e as hipóteses norteadoras deste trabalho.

Em relação aos resultados, apresentados na sétima seção, pudemos observar, em termos gerais:

- a) índices expressivos de apagamento da postônica medial (31%);
- b) atuação consolidada de condicionamentos de natureza fonético/fonológica (traço de articulação da postônica medial, modo de articulação das consoantes precedente e subsequente e dimensão da palavra);
- c) a relevância de dois condicionamentos sociais: faixa etária e escolaridade.

Entretanto, o comportamento das variáveis sociais foi atípico. Tanto a não seleção dos condicionamentos que controlaram a questão do contato linguístico, quanto o comportamento assistemático das variáveis *escolaridade* e *faixa etária* levaram à reconfiguração dos dados para uma segunda rodada de análise.

Nessa análise, a variável *faixa etária* + *escolaridade* foi selecionada, e foram considerados favorecedores da regra os informantes da primeira faixa etária e segundo nível de escolaridade e os informantes mais velhos e com maior nível de escolaridade. A fim de investigar a origem desses resultados, propusemos uma análise do comportamento de cada indivíduo que compõe a amostra, em busca de explicações para os resultados encontrados em um primeiro momento.

Realizada essa etapa, foi possível argumentar que, levando em conta o modelo estatístico utilizado e o número de informantes, é importante relativizar o resultado das variáveis sociais, destacando que elas podem refletir o comportamento dos perfis sociolinguísticos, mas também podem estar revelando comportamentos particulares dos indivíduos que compõem o *corpus*. Apesar de ser possível localizar os informantes e analisar as taxas de apagamento, conforme foi feito, projeções mais contundentes se mostrariam inconsistentes, principalmente pelo alto índice de aplicação da regra nos dados dos jovens com escolaridade média e do indivíduo mais velho com escolaridade baixa.

Dessa maneira, concluímos que a síncope da postônica medial na variedade moçambicana se apresenta como uma regra variável. A redução da proparoxítona é favorecida – mas não condicionada – pela possibilidade de ressilabificação das palavras, podendo, portanto, acontecer em meio a contextos silábicos não usuais.

Destacamos que a impossibilidade de traçar conclusões mais consistentes no que se refere às variáveis sociais ajuda a reforçar algo que é constantemente colocado em destaque em trabalhos acerca do Português falado em Moçambique: a escassez de estudos. Estamos tratando de uma variedade em formação, mas muito pouco estudada, principalmente no que diz respeito aos seus aspectos fonético-fonológicos (trabalhos como os de GONÇALVES, 2001; PISSURNO, 2018;

BRANDÃO, 2018 destacam a escassez de trabalhos sobre fenômeno variáveis na variedade moçambicana do Português). Com um maior número de pesquisas e de referências, as tendências apresentadas em muitos estudos podem vir a se confirmar; inclusive podem apontar para configurações novas e inesperadas.

Além disso, o contato linguístico deve sempre ser considerado, assim como as grandes diferenças entre o rural e o urbano e a influência das políticas linguísticas em vigor. Há, de fato, muitas questões sociais que precisam ser levadas em conta quando estudamos a variedade moçambicana do Português. Podemos, no entanto, contribuir com a descrição desta variedade - que está sendo formada de maneira singular pelos moçambicanos, mas que também pode ser estudada pela pesquisa brasileira.

REFERÊNCIAS

ALVES, Sofia dos Santos. *O apagamento das vogais postônicas não finais – São Tomé e Príncipe em foco*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2019.

AMARAL, M. P. *A síncope em proparoxítonas: uma regra variável*. In: BISOL, L; BRESCANCINI, C. (org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPURCS, 2002.

ARAÚJO, Aluiza Alves; LOPES, Gustavo Henrique Viana. *A síncope das proparoxítonas no Atlas Linguístico do Pará: uma fotografia variacionista*, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/6407/>> Acesso em: 26 out. 2021.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 38. ed. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2017.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *Concordância nominal no Português de São Tomé e no Português de Moçambique*. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo. (org). *Dois variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo, Blucher, 2018. p. 203-244.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. 2014. *Vogais postônicas não finais*. In: Bisol, Leda; Battisti, Elisa. (orgs). *O português falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPCRS, 35-52.

CHAVES, Raquel Gomes. *A redução de proparoxítonas na fala do Sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2011

CHIMBUTANE, F. *Portuguese and african languages in Mozambique: a sociolinguistic approach*. In: ÁLVARES LOPEZ, L; GONÇALVES, P; AVELAR, J. (eds). *The Portuguese language continuum in Africa and Brazil*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 89-110.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2017.

DE ARAUJO, Gabriel Antunes et al. *Algumas observações sobre as proparoxítonas e o sistema acentual do português*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/issue/view/462>>. Acesso em: 10 out. 2021.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

FERNANDES, Ana Catarina Garcia. *Apagamento de vogais átonas em trissílabos proparoxítonos: um contributo para a compreensão da supressão da supressão vocálica em português europeu*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade do Porto, Porto, 2007.

FERNANDES, Thalles Candal Reis. *O processo de apagamento das vogais postônicas mediais no Português Europeu – uma análise de dados da Grande Lisboa*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2019.

FERRAZ, Luiz Ivens. *The creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1979.

FIRMINO, Gregório. 2010. *A Situação do Português no Contexto Multilingue de Moçambique*. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lpot/pdf/mes/06.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2021.

FRANÇA, Sebastião Adauto. *O apagamento da vogal postônica não-final por falantes de Jarú - Estado de Rondônia*. Acta Scientiarum. Language and Culture: Maringá, v.31, n. 2, p.169-182, 2009.

GOMES, Danielle Kely. *O apagamento das vogais postônicas não finais: uma análise contrastiva entre variedades do português*. Revista da ABRALIN, v. 14, n. 1, 8 ago. 2015.

GOMES, Danielle Kely. *Vogais em contexto postônico medial no português de São Tomé*. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo. (org). *Dois variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo, Blucher, 2018. p.159-176.

GOMES, Danielle Kely. *Síncope das vogais postônicas não finais: uma análise contrastiva entre variedades do português*. In: DE PAULA, Alessandra; GOMES, Danielle Kely; SILVEIRA, Eliete; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; VIEIRA, Silvia Rodrigues. (orgs). *Uma história de investigação sobre a Língua Portuguesa: homenagem a Silvia Brandão*. São Paulo, Blucher, 2018. p. 213-224.

GONÇALVES, Perpétua. *Português de Moçambique: problemas e limites de padronização de uma variante não-nativa*. In: SINNER, Carsten. (Ed.). *Norm und Normkonflikte in der Romanian*. Munich: Peniopol, 2005. p.184-195.

GONÇALVES, Perpétua. *Panorama geral do português de Moçambique*. Revue Persée, v. 79, n. 79-3, Ministère de l'Enseignement Supérieur et de la Recherche, 2001. p.977-990.

INE. INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. Recenseamento Geral da População e Habitação (CENSO). Maputo: Instituto Nacional de Estatística, 2017. Disponível em <<http://www.ine.gov.mz/iv-censo-2017>>. Acesso em: 17 set. 2021.

LABOV, William. (2008[1972]). *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial.

LEE, Seung Hwa. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 1995.

LIMA, Giselly de Oliveira. *O efeito da síncope em proparoxítonas: uma análise fonológica e variacionista*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

MOTA, André Luiz Oliveira. *Análise variacionista da síncope em proparoxítonas no português alagoano*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

RIBEIRO, Pe. Armando (C.M). 2016. *Dicionário Gramatical Changana*. Maputo: Paulinas Editora.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 2019.

SANTANA, Arthur Pereira (2012). *A síncope revisitada: análise com base no corpus do ALiMA*. Littera Online, Vol.5, p.50-68. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/1266/992>> Acesso em 28 out. 2021

PISSURNO, Karen Cristina da Silva. *O Perfil Multilíngue de Moçambique*, p. 75 -92. In: *Duas Variedades Africanas do Português: Variáveis Fonético-Fonológicas e Morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018.

WEIREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. MALKIEL, Y. (Eds.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

ANEXO A: CONTROLE LEXICAL

ITENS LEXICAIS PROPAROXÍTONOS NO <i>CORPUS</i>
<p>acadêmico/acadêmica, África, âmbito, análise/análises, andávamos, apostólica/apostólicos, apóstolo, aritmética, arrumávamos, árvore/árvores, baratíssimas, básicas/básicos, bêbado/bêbados, Bélgica, brincávamos, cálculo, câncora, católica/católico/católicos, centímetros, científica, cínica, clínicas, cólera, comíamos, comprávamos, conseguíssemos, cortávamos, crítica/crítico, culpávamos, dádiva, décima/décimo, demográfica, destacaríamos, didático, dinâmica, dívida, dízimo/dízimos, dólares, doméstica/doméstico/domésticos, dúvida, econômica/econômico/econômicos, empréstimos, enquadrávamos, época, éramos, escrúpulo, específicos, esperávamos, espírito/espíritos, estávamos, estômago, estudávamos, ética, evangélica, fábrica, falávamos, fantástica, fenômeno, ficávamos, física, Florianópolis, formávamos, fôssemos, fúnebres, gostávamos, grávida/grávidas, hábito/hábitos, históricas/histórico, íamos, incógnita, índice, informática/informático, íntimos, inúmeras, iórico, islâmica, lágrimas, lâmpada, levávamos, Líbano, límpido, linguística, lógica, magnífico, mantínhamos, máquinas, matemática/matemáticos, matrícula, máximo/máximos, mecânica, médica/médico, mérito, método/métodos, mínima/mínimo/mínimas, muitíssimo, música/músicas, número/números, órbita, olímpicos, ônibus, ortográfico, ótimo, pacífico, páginas, parávamos, pérfidos, partíamos, perdíamos, periféricos, péssimo, plástico, poderíamos/podíamos, polígamos, política/político, pouquíssimas, prática, precisávamos, pretérito/pretéritos, propósito, próxima/próximo/próximos, pública/públicas/público/públicos, queríamos, quilômetros, química/químico, rápido, ridículo, sábado/sábados, sabíamos, satélite, semáforo, sentávamos, sétima/sétimo, simbólica/simbólico, socorríamos, técnica, tecnológico, tínhamos, típica, título, tráfico, trânsito, túmulo, última/último/últimos, única/único, véspera, vínculo, vírgula, vítima, vivíamos.</p>
<p>Total: 149 palavras</p>